

Ateneu Proletário Galego Nº3

# *A greve geral, o sindicato e o partido*



*Conceitos básicos para  
entendermos o comunismo*

Preço - 1,50 €

---

| *Edita: **Ateneu Proletário Galego**, março de 2014* |

---

---

# **Índice**

<i>Prólogo</i>	4
<i>As três grandes lacras</i>	5
<i>A greve geral, o sindicato e o partido</i>	10
<i>O obreiro meio e a ilusom do revisionismo galego</i>	17
<i>Contra a farsa parlamentar: boicote, nom participes</i>	21
<i>A fraude da “festa da democracia”</i>	24
<i>A situação histórica e o trabalho político na Galiza</i>	28
<i>Conceitos básicos para entendermos o comunismo</i>	40

---

---

## Prólogo

Êste novo boletím que vos apresentamos é umha recompilaçom de textos publicados no nosso blogue de internet no último ano e meio. A maioria deles nascem do trabalho político dos nossos militantes em diversos campos do Movimento de Libertaçom Nacional Galego, assim como da vinculaçom com o Movimento Obreiro Galego nas luitas que levou adiante na última década.

Práxis que nos serviu para aprofundar na nossa linha política, concretizando questons que consideramos de grande importância para o Movimento em geral e a sua vanguarda prática em particular.

Por isso, os temas seleccionados giram à volta da consciência e a organizaçom política da nossa classe, marcada em muitas occasions por umha linha economicista e os seus desvios sindicalistas, parlamentaristas ou frente-populistas. Desvios que ao longo dos anos fõrom-se interiorizando no jeito de interpretar a militância política, marcando-nos um estilo de trabalho que nos impediram em muitas circunstâncias desenvolver umha teoria e umha luta política consequente.

---

## As três grandes lacras

A última revolução proletária que conseguiu triunfar na Europa -entendendo triunfo como a toma do poder-, foi a grega em 1945, (ainda que durou só um mês devido a agressão militar imperialista).

Desde 1945 até hoje não se deu nenhuma revolução proletária na Europa. A este facto, o MCI (Movimento Comunista Internacional) tem que dar-lhe uma explicação. A nossa explicação é que foi principalmente a linha política das organizações comunistas, que foi ditada -primeiro- e “herdada” -depois- do PCUS revisionista, o que impediu o triunfo do proletariado dos povos da Europa. A política das organizações operárias europeias esteve baseada em três grandes pontos, três lacras: o parlamentarismo, o sindicalismo e o frente-populismo. Estas são as três grandes lacras, entendidas como políticas fomentadas e dirigidas pelas organizações comunistas. Estas políticas iniciaram-se em 1935 (no VII congresso da IC) e, prolongaram-se indefinidamente no tempo. Ainda que a situação histórica mudara qualitativamente, o mantimento do frente-populismo mais além de casos históricos concretos onde sim tiveram sentido, foi uma herança envenenada que persistiu até hoje. Foram umas alianças nunca depuradas uma vez que deixaram de ter uma razão histórica de ser.

Ante o cúmulo de fracassos destas políticas, nós cremos que se faz imprescindível o estudo histórico da luta de classes em geral e, dos casos em que a luta de classes se transformou num processo revolucionário, numa forma politicamente superior na luta de classes, em especial.

Antes de seguir queremos nomear certos temas elementais que justificam a pertinência deste artigo desde a perspectiva do destacamento comunista:

-O trabalho dum destacamento comunista (igual que o de todo MCI) está destinado a clarificar, a responder a perguntas

---

que se fai o proletariado mais avançado politicamente. Nom podemos chegar a pessoas mais adiantadas sem ter preparado os temas mais importantes.

O destacamento e todo MCI tem que aprender da experiência históricas da luta de classes. Criticando em profundidade os feitos históricos, estudando o que aconteceu

é como aprendemos.

O destacamento tem que determinar qual é o nível político do resto de destacamentos, para avaliar as diferencias, porque se nom hai diferencias políticas importantes, nom tem sentido a existência de diferentes destacamentos separados organicamente num mesmo povo. Por esta razom temos que ter claro que nos diferencia dos demais, temos que fazer crítica a sua teoria e praxe.

Com quem começar? Pola base ou pola vanguarda? Esta é umha pergunta importante para um destacamento comunista. A nossa resposta é que para chegar às grandes massas é imprescindível contar com um aparato partidário forte que o tem que construir a vanguarda, polo tanto nom é possível chegar as grandes massas, ou o que é o mesmo devemos concentrar os nossos esforços em chegar as pessoas que já estão predispostas a aprender e trabalhar, às pessoas mais adiantadas politicamente. Ter como prioridade ao mais adiantado politicamente nom pode significar separar-nos das massas. Se centramos a nossa atenção em certos sectores dos movimentos sociais verdadeiramente revolucionários também estamos fazendo um trabalho de massas. Um trabalho que tem todas as características do trabalho de massas, ainda que som grupos limitados da militância dos movimentos sociais revolucionários. Nom podemos chegar às grandes massas mas nom deixa de ser um trabalho de massas, que é historicamente necessário para poder chegar no seu momento, a essas grandes massas.

Algumas organizações obreiristas que pretendiam achegar-se as grandes massas acabam alonxando-se dos movimentos

---

sociais onde nasceram, mudando a sua linha política, rebaixando o seu discurso e transformando-se em revisionistas.

O destacamento comunista está “obrigado” a ter umha linha política, ou o que é o mesmo a buscar a linha política justa em cada momento histórico. Umha linha política clarifica, ensinando-lhe a militância qual é a decisão correta. A experiência amossa-nos que a falta dumha linha política dá-lhe um protagonismo a certas pessoas que som as únicas que podem entender os acontecimentos, concedendo-lhes umha grande “liberdade” para tomar decisões. As três lacras das que falamos antes ancoram o futuro político do proletariado, impedindo totalmente a melhora na correlaçom de forças. Critica-las e supera-las é umha necessidade coletiva.

O trabalho que dedicamos a entender a raiz das derrotas e das vitórias é um tempo bem empregado, porque para construir um destacamento temos que responder a muitas perguntas, entre elas qual foi a raiz das derrotas sofridas.

As três lacras:

### **O parlamentarismo**

Quando os destacamentos comunistas como tais, participam em processos eleitorais legitimam ao próprio sistema burguês. Os destacamentos nom temem o aparato necessário para moviliçar às grandes massas. Os sectores mais avançados do proletariado querem saber outras cousas, nom a quem votar. As pessoas que se começam a plantexar que o capitalismo é o maior problema da humanidade, que supera-lo e construir o socialismo é umha necessidade histórica, que só ela pode evitar a decadência e a autodestruçom, nom lhe podes contar que a soluçom aos seus problemas é um voto segredo para umha instituiçom do estado burguês que nos oprime, um voto para o aparato do inimigo.

Os partidos comunistas (umha vez criado mediante a uniom da vanguarda teórica, com umha boa parte da vanguarda

---

prática e os seus vínculos, as ligações coas massas), em certos momentos de refluxo na luta de classes, com o fim de ganhar-se a umha parte da vanguarda prática mediante a utilização do parlamentarismo burguês para assim desprestigiar e deslegitimar ao próprio estado, (nom realizar umha gestom “progressista”), pode fazer um trabalho setorial temporalmente útil na estratégia geral da luta de classes. Mas tomar a participação no parlamentarismo coma umha norma levou-nos a atual situação de derrota.

### **O sindicalismo**

Os sindicatos fórom historicamente as primeiras formas de organização obreira no processo em que o proletariado passou, de classe “em si”, a classe “para si”, no processo em que o proletariado tomou consciência de si mesmo e do mundo, umha vez superado o velo que punha a alienação do pensamento burguês.

Os sindicatos fórom capazes historicamente de moviliçar a grandes massas desarmadas. instrumentos de auto-defensa obreira no capitalismo. Por isto som úteis para defender direitos em certos postos de trabalho concretos, empresas concretas, ou sectores.

Historicamente parte da vanguarda prática proletária estivo vinculada aos sindicatos.

A história demonstra que mui poucas pessoas (que já estavam mui motivadas) entre todas as que realizam actividades sindicais, “maduram” politicamente ate o ponto de tomar plena consciência do mundo no que vivem.

É impossível que o aparato organizativo dum sindicato se transforme num contrapoder proletário. O contrapoder proletário nom é nengumha organização setorial, nom tem esse tipo de limitações. Os sindicatos por definição tenhem que buscar a maneira de obter certas melhoras económicas a curto prazo para um determinado número de pessoas no capitalismo. O contrapoder desde a sua origem nega ao poder burguês, aspira a derruba-lo e substitui-lo. O contrapoder é um instrumento de governo, de poder político. O contrapoder



---

som as massas armadas e organizadas conscientemente.

Nom estamos criticando aos sindicatos em si, criticamos certas políticas de certos dirigentes sindicais, criticaremos sobre todo que as organizações comunistas criem falsas expectativas e, tenham postas as suas miras em utilizar aos sindicatos coma um instrumento revolucionário.

É curioso que estas mesmas organizações nunca nos explicam como se da esse salto que nunca vimos. Esse salto na acumulação de forças de massas nas luitas económicas imediatas, para umha revolução na que se luta numha guerra polo poder político.

### **O frente-populismo**

As nossas críticas ao que chamamos frente-populismo, vam dirigidas à política que levárom a cavo as organizações comunistas europeias depois da segunda guerra mundial. Esta política base-se nas alianças coa pequena-burguesia e a burguesia liberal, tendo como um dos seus pontos mais comuns a criação de plataformas eleitorais. Estas alianças têmhem como base um programa político comum entre estes sectores organizados de diferentes classes. Buscam um maior grado de liberdades sociais, umhas melhoras na vida do povo trabalhador, mas que nom ponhem em perigo o poder político da burguesia. Tampouco servem para desenvolver a um nível politicamente superior a luta de classes, nem para passar da resistência espontânea a resistência estratégica. Com o que têmhem umhas capacidades políticas mui limitadas. Os compromissos que traem com elas estas alianças frente-populistas europeias, impedem a formulação pública dum programa revolucionário, limitam a liberdade de agitação, propaganda e, organização, das organizações proletárias revolucionárias. Para rematar estas alianças impedem totalmente que o partido se ponha mans a obra no comprimento dumhas tarefas políticas que som históricas, isto é que som umha necessidade histórica em cada momento do processo de organização revolucionária do proletariado.

---

Assim é coma por tomar o caminho mais rápido acabas caindo numha armadilha, na que por chegar rapidamente as grandes massas acabas renunciando a ter um programa revolucionário, acabas renunciando a emancipação da humanidade, acabas rebaixando as aspirações, acabas convertido num revisionista.

Superar estes atrancos que acabamos de mencionar, superar estas lacras é o caminho da linha política justa, o caminho para superar as derrotas, o caminho cara luita por um mundo melhor, cara a conquista do poder político, a independência e o socialismo.

---

## **A greve geral o sindicato e o partido**

### **A caracterização do momento histórico**

Sabemos que os anos 2012 e 2013 som anos dumha dureza -dum empioramento das condições de vida do conjunto do povo trabalhador galego-, como nom se viu em mais de 60 anos.

Da capacidade de resistência do povo trabalhador galego frente, a ofensiva capitalista; da correlação de forças do proletariado galego frente, a oligarquia espanhola e a sua aliada a burguesia galega; dependerá se os próximos anos (2013, 2014), som outros anos de depauperação do povo trabalhador galego, ou nom. Mas ainda que a resistência espontânea do proletariado chegue a parar esta ofensiva momentaneamente, nom será mais que umha paralização temporal -de 4-6-8-12 meses-, na que o capitalismo estará preparando a planificação de outra campanha de medidas reacionárias, para proteger os seus privilégios.

No mundo o imperialismo seguirá realizando guerras de rapinha. Empregando cada vez um maior número de mercenários como tropa de infantaria em muitos casos

---

ligados a grupos integristas islâmicos, lamaístas, ou cristãos, procedentes de países subdesenvolvidos, que se aliam com os sectores reacionários dos países atacados.

A dinâmica belicista do imperialismo em decadência, levará num prazo curto de tempo a outra guerra mundial interimperialista. Por isso hoje podemos afirmar que o enfrentamento entre o bloco imperialista mais velho (EE.UU e UE), com o novo bloco imperialista (China e Rússia), pelos recursos naturais, levará irremediavelmente e com total seguridade a umha guerra mundial se se prolonga esta grande depressom económica.

Para entender a greve geral do 14 de novembro, hai que entender a situação atual de grande depressom económica na que levamos desde o ano 2008. Unida a depressom está umha grande ofensiva capitalista contra as melhoras sociais que som o fruto dos mecanismos capitalista para frenar a luta de classes, (a negociação sindical, o parlamentarismo, o direito a greve económica, os convênios laborais sectoriais, “o gasto social”).

Os recortes no gasto do estado tenhem um grande efeito negativo entre a aristocracia obreira. Ademais -como todas sabemos-, produzirom umha importante depauperaçom entre a maioria do proletariado. Porque a razão dos recortes em “gasto social” é aumentar a plusvalia coa que pode quedar o capital, reduzindo o que tem que gastar em manter a paz social.

Outro importante resultado desta depressom é a bancarrota e processo de proletarização da aristocracia obreira e da pequena-burguesia. Por isso parte da contra-reforma laboral está destinada a favorecer a umha pequena-burguesia arruinada, na exploraçom do proletariado.

Os sindicatos som um grande instrumento da aristocracia obreira para poder defender as suas migalhas do botim do capital. Estamos falando de diversos grupos sendo o maioritário o que trabalha para o estado (funcionários,

---

“empregados de empresas públicas”, postos de livre designação, assessores, técnicos, liberados sindicais, liberados de fundações, etc).

Neste momento também podemos nomear como fator destacado, que a repressão do estado está chegando a sectores da aristocracia obreira, que não estavam acostumados a sofrer-lá. De maneira que pouco a pouco a repressão deixa de ser seletiva, para transformar-se em habitual nas mobilizações.

O que temos claro é que a história mostra-nos que tanto o sindicalismo, como o parlamentarismo, são magníficos instrumentos da reação para adormecer e assimilar à vanguarda prática do proletariado.

Os sindicatos têm redes de fundações, ONG's, Fesga, etc, com estômagos agradecidos que lhes devem o posto de trabalho ao dinheiro que o estado espanhol lhes dá, por evitar a luta de classes.

Por isso temos que ter claro que tanto sindicatos, como as manifestações, ou as greves gerais, -por elas soas-, não são revolucionárias, nunca puderam mudar o poder dum estado burguês pelo poder do estado proletário.

A greve geral insurreccional -da que falava o Che-, ou as greves políticas dos Naxalitas na Índia, são uma coisa muito diferente. São greves armadas, num contexto histórico de guerra popular, no momento de realizar uma ofensiva militar, etc, nada parecido as greves gerais europeias.

Mas nas greves gerais também se pode ver a força do movimento obreiro, o mesmo movimento que é utilizado pelos sindicatos como única moeda de troca, com a que poder negociar a cambio de frenar a luta de classe. As greves são bons caldos de cultivo que muitas vezes sacam o melhor que as obreiras e os obreiros levam dentro. São um bafo de dignidade, numa vida de humilhação, mas que de por si não podem solucionar os nossos problemas sociais.

O velho partido proletário e o partido proletário de novo tipo.

---

As organizações comunistas atuais esqueceram mais de três quintas partes do Que Fazer? de Lenine. Na Galiza o Movimento Galego ao Socialismo e Foga, som dous bons exemplos do revisionismo espontaneísta, economicista e, sindicalista. O seu discurso de lugares comuns sacado da II Internacional, foi intentado levar a cabo umha e mil vezes, sempre com os mesmos resultados desastrosos para os interesses do proletariado. Refugiam-se baixo este discurso de acumular forças nas grandes massas, unir as vontades individuais, unir aos sindicatos, unir às comunistas, transformar as luitas económicas curtopracistas numha revolução, mediante o trabalho nos sindicatos e com o parlamentarismo como instrumento, ate dar um salto nas luitas parciais das estruturas organizativas de massas, ate a revolução. Um processo que jamais se viu na história.

O partido de novo tipo nom nasce pola vontade subjetiva, senom que é umha realidade social objetiva, umha relação entre as pessoas que o formam e é -o que esquece o revisionismo-, umha uniom objetiva entre a teoria revolucionária da vanguarda e as grandes massas. Isto é algo objetivo portanto que nom depende simplesmente da vontade dumhas pessoas, senom dumha uniom, duns vínculos, dumha relação que objetivamente existe numha sociedade concreta.

No nosso trabalho diário devemos ter as questons táticas mui presentes, já que coma organização política devemos formar-nos nelas e gerir-nos por elas. Mas todo isto deve estar supeditado a uns normas qualitativamente mais importantes, de maior perspectiva que fagam umha ligação cos objetivos políticos finais e marquem a folha de rota, isto é a estratégia. A estratégia como ente fundamental deve diferenciar entre os distintos tipos de contradicções que existem na sociedade, e os seus graus de importância. Se nom temos estratégia ou esta é pouco clara, cairemos em erros práticos e a tática será um fim em si mesma (taticismo) e cairemos na improvisação como forma habitual de intervenção política.

---

A consciência -que nom surge espontaneamente-, é umha necessidade para qualquer movimento revolucionário. A consciência da-nos essa visom que vai mais ala do imediato. Umha visom estratégica que nos permite iniciar a luta efetiva polo poder político.

Os bancos, demais oligopólios, o estado, os partidos institucionais, a igreja, os sindicatos, som todos instrumentos do próprio sistema capitalista para perpetuar o regime. Fai mais de cem anos que Lenine já dixo, que a consciência tem que ser introduzida no movimento desde fora do próprio movimento. Nos hoje seguimos a perguntar-nos por que motivo a consciência tem que ser introduzida desde fora do movimento?

Primeiro: Porque a consciência é o fruto do conhecimento científico da realidade e, nom do consenso geral ou, dos tópicos maioritariamente aceitados.

Segundo: Porque um ator social que surge no próprio sistema, responde ao funcionamento a curto prazo nesse mesmo sistema, adaptando-se aos margens, ocos e, mecanismos deste sistema. Mentres que um ator que surge fora do sistema é o único que pode sobreviver ao margem deste, (das prebendas, das subvençons, da legalidade, dos meios de comunicação, etc) e, incluso transformar-se numha praga que destruí ao sistema.

Se o comparamos com um ecossistema natural (ponhamos um australiano), resulta que nengumha espécie natural deste ecossistema, destruiria o seu ecossistema, senom que aproveitaria os seus ocos, mudando com el, mas sem destruí-lo.

Mas um animal externo -coma o coelho-, que surgiu fora deste ecossistema, pode chegar a el, adaptando-se, mudando certos comportamentos, transformar-se numha autêntica praga incontrolável, que destruí o ecossistema.

Na nossa sociedade esse agente externo é a teoria

---

revolucionária, que nos dá a consciência do mundo e de nós mesmos. Esse agente externo é o partido de novo tipo, é o movimento revolucionário e, é o contrapoder proletário, que já nasce ao margem do poder do estado burguês, mas metido na realidade social e, com uma consciência que é o fruto do materialismo histórico e do socialismo científico.

Algumas vezes nas greves a contradição hegemônica entre as classes transforma-se em luta de classes, num enfrentamento político entre a lei do piquete e a lei do estado e, este conflito político por impor a lei dumha classe, colhe forma de violência revolucionária. Mas a violência revolucionária por ela soa, não é suficiente, se não serve para reforçar um movimento com umas estruturas, uns atos públicos, uns recursos materiais.

As organizações “comunistas” que seguem uma política sindicalista, acabam caindo nos mesmos vícios reacionários que pretendiam combater. Intentam frear a luta de classes, intentam evitar o enfrentamento político, intentam que as massas obreiras não possam impor o seu poder espontaneamente na luta de classes.

A política sindical de condenar a violência revolucionária das massas proletárias; “vender” a mentira de que o estado é um ente de arbitragem ao margem das classes; “vender” como lógica, legítima, necessária, a existência da polícia, é uma política reacionária.

Não se trata tanto de uns feitos determinados aillados, trata-se de que o aparato moderno do sindicalismo forma parte dos mecanismos de auto-regulação do capitalismo, devido em primeiro lugar a que está dirigido pela aristocracia obreira; em segundo lugar ao desenvolver-se dentro dos parâmetros do sistema um sindicato medra e desenvolve-se, na medida que pode reformar ao próprio sistema sem destruí-lo; em terceiro lugar porque o programa que há detrás das reivindicações sindicais é o programa da oligarquia, as ideias da oligarquia, que nunca podem levar a por em perigo os seus privilégios de classe. Por este motivo estas organizações

---

obreiras, estes sindicatos “de classe” acabam condenado a luta de classes.

O antagonismo de classe, colhe forma de luta de classes, mas esta luta espontânea nom pode triunfar, mesmo assim pom sobre a mesa a necessidade da auto-organizaçom das massas obreiras e isto é o que lhes doe aos delatores, às ratas reacionárias.

Acontinuaçom imos ver um simples exemplo do que acontece continuamente. Declaraçoms de Manuel Garcia (UGT), ou Serafin Otero (CIG) (podedes ler as suas declaraçoms 16-11-012 La Voz de Galicia ediçom de Vigo páginas L2-3 n.43.511). Estes delatores natos som o exemplo do baixo que pode cair umha pessoa desde o ponto de vista da moral proletária.

Seguidamente transcrevemos literalmente as declaraçoms de Manuel G. e de Serafin O. no jornal La Voz de Galicia: Manuel Garcia: “hubo gente [de la organización independentista] AMI que nos silbaron y nos llamaron bandidos y traidores...”

Serafin Otero: “Otero recalca que durante toda la jornada habia reinado la tranquilidad y la policia <<non foi esaxerada na sua atitude>> por lo que <<para nada era entendibel>> la actitud de los elementos que califica de <<infiltrados>> en el multitudinário piquete.”

Estas som as declaraçoms duns delatores, duns reacionários que buscam facilitar a detençom do proletariado galego mais consciente, facilitar a persecuçom do MLNG,etc. Em definitiva buscam favorecer o aparato repressivo do estado inimigo, ao mesmo tempo que querem confundir para alienar ao povo trabalhador galego.

Que se o comportamento da polícia foi o adequado, que mais... Aqui temos os típicos argumentos duns reacionários, que chamam -como dixo Malcom X-, às vítimas verdugos e, aos verdugos vítimas. Os clássicos reacionários que se queixam e condenam a violênciã dos oprimidos, mas vem coma normal a constante violênciã do estado contra o povo trabalhador, mas sem esta violênciã do estado nom duraria



---

nem um mês o modelo de relações sociais capitalista. Um modelo de relações sociais individualista, arcaico e, anti-social.

---

## **O obreiro meio e a ilusom do revisionismo galego**

O revisionismo mostra que lhe gosta picar de todos os pratos e medra e se acomoda em diferentes circunstancias históricas, podendo faze-lo na medida em que os movimentos sociais carecem ou nom desenvolvem unha linha política justa, acorde a sua prática revolucionaria que empida a entrada de políticas e influencias pequeno burguesas, (que de nom lho impedir) terminaram contaminando a estes movimentos.

Na Galiza o sector oportunista mais amplo e de maior influencia social com o que conta a oligarquia espanhola e a burguesia galega para tentar frenar a luta de classes é o sindicalismo em geral e o sindicalismo nacionalista em especial, onde em tempos de “vacas gordas” conviviam mais ou menos em harmonia todas as famílias da aristocracia obreira.

Com o início da crise no ano 2008 e coa sua aprofundaçom nos anos posteriores, a oligarquia espanhola ademais de castigar ao proletariado galego (cada vez mais depauperado e empobrecido) com todo tipo de recortes sociais e laborais, ameaça tamém com implantar “ajustes” drásticos nas subvençons milionárias que reparte entre os sindicatos galegos.

É neste cenário do medo onde aparecem toda unha serie de novas correntes e organizaçons revisionistas no seio ou na órbita do sindicalismo nacionalista, que venhem a somar-se a outros coletivos oportunistas já existentes, de maior percorrido no tempo, mas de nula influencia social.

---

Os primeiros surgem nom coa intençom de preparar-se para tentar reverter esta onda reacionária, senom que som o fruto das guerras internas das distintas famílias da aristocracia obreira, e a necessidade das mesmas de agrupar-se baixo unhas siglas que as diferencie das demais. Tentam ganhar influências, quotas de poder e afiançar-se o melhor possível nas estruturas do sindicato (do sistema) em previsom dum provável tsunami. Os segundos, (saídos basicamente do independentismo), tentando dissimular o sua deriva reformista, a sua nula influencia social e o seu fracasso no intento de levar aos sectores mais combativos ao remoinho do maniobreirismo burguês, optam por sair correndo e integrar-se em plataformas anti populares e eleitoreiras como ANOVA ou o BNG.

E é que, mais alá de como se autodefinam (Comunistas, independentistas, soberanistas, etc) tanto Frente obreira galega, Movimento Galego ao Socialismo, FPG, MPB, Adiante, Isca, etc, nom tenhem um discurso ou unha prática que os diferencie entre si, compartindo todos a mesma visom política, o velho esquema fracassado herdado da II internacional, baseado no trabalho sindical, a participaçom institucional, na acumulaçom de forças a través da mobilizaçom das grandes massas contra os recortes e polas melhoras parciais e imediatas como um elemento decisivo nas luitas presentes e futuras do proletariado galego. Intentando vender esta política revisionista como a via para a revoluçom.

Tamém compartem a mesma visom irracional e fantasiosa de que a classe obreira galega, polo feito de ser unha classe em si, conta com unha qualidade especial que fai que o obreiro meio seja portador dumha espécie de gem inato revolucionário ainda por estourar. Desta maneira minimiza a responsabilidade política da vanguarda proletária. Ademais pretendem convencer-nos -dumha maneira mais ou menos clara- que estimulados, canalizados corretamente e favorecido pola crise sistémica atual, acabaram por fazer que a oligarquia, (produto do esgotamento ao que lhe someterá

---

unha maioria social organizada e desarmada) rematará forçada a assumir o seu papel histórico e pacificamente cederá o poder do estado, com todos os aparelhos estatais (repressivo, económico, ideológico e científico-técnico) à classe obreira.

Como estas palhas mentais próprias do revisionismo nunca se ajustam à realidade (pois a historia amossa-nos que nunca a se produziu um feito deste tipo, e que nengumha crise por profunda que seja fará que o poder político cambie de mans por si só), topamo-nos às vezes com o reverso da mesma moeda. Com coletivos que pública e privadamente atribuem o seu fracasso para chegar às grandes massas, à suposta incompetência do obreiro galego meio, que é incapaz de estourar as suas qualidades inatas para fazer a revolução, deixa-se arrastrar polas circunstâncias sem tentar romper as cadeias que o sometem e abraçar a sua auto-proclamada vanguarda. Umha “vanguarda” que vai por detrás das massas e que nom tem nengum tipo de planificação revolucionaria, sem um programa revolucionário, sem mais meios que a participação nas instituições, sem nada mais alá de fazer manifestações, ou greves de um ou vários sectores e dias.

Que nós saibamos a classe obreira galega nom tem nengumha particularidade tam excepcional que a faga pior, mais “mansa” que a classe obreira doutros povos da nossa contorna. Se seguimos esta linha, estaremos unha vez mais tragando-nos a “sopinha boba” das políticas sindicalistas; pois isto nom é outra cousa que o típico argumento idealista e derrotista à margem de qualquera realidade histórica nacional concreta.

A forma de enfocar a nossa militância deve ser totalmente distinta, devemos priorizar o nosso trabalho nos movimentos sociais revolucionários existentes, tentar fortalece-los na teoria e na prática, dotando-nos dumha linha política clara que nos marque o caminho e evite qualquera compromisso que sequestre a nossa autonomia política como classe, evitando assim qualquer borralhada de frente popular ou

---

fronte ampla, que coa cantilena de cantos mais sejamós é melhor, justifique posturas reformistas e introduza a ideologia burguesa por meio de organizaçõs que se presentam como aliadas.

O noso traballo debe estar encaminhado tamém a construçóm dum destacamento político que poda servir para aglutinar á vanguarda teórica e prática num mesmo projeto, que sirva à sua vez para revitalizar o MLNG e chegar às pessoas mais interessantes politicamente. E que valha tamém para substituir o voluntarismo e o espontaneismo por um traballo metódico baseado no análises científico da nossa sociedade, para poder favorecer, na medida do que podemos a correlaçom de forças a favor do proletariado galego. Este traballo político tem um carácter histórico, polo que se nom o concluimos corretamente nom poderemos avançar positivamente no noso traballo, porque seria construir um castelo no aire. Sem ter plena consciência do noso mundo nom podemos seguir umha linha revolucionaria ao longo do tempo. Mas esta consciência exige dedicaçom, exige um traballo organizado dumha equipa de pessoas que trabalhem planificadamente. Temos que aprender a organizar-nos para avançar num traballo do que nom podemos escapar se queremos construir uns instrumentos fortes fortes que precisaremos no futuro quando tenham que superar a prova da luta a grande escala Porque o novo nasce do velho o traballo político de hoje abre-nos as portas dos triunfos do futuro, sempre que nom nos desviemos da linha política justa.

Espartacus.

---

## **Contra a farsa parlamentar: Boicote, nom participes**

O sistema parlamentar, tanto nas democracias burguesas na sua configuração clássica como no seu desenvolvimento atual europeu neofascista (como o estado espanhol), é um dos melhores sistemas de legitimação da legalidade burguesa e o seu estado. Busca legitimar a propriedade privada dos meios de produção e impedir que as contradições entre classes antagónicas se transforme numa guerra aberta na luta de classes. Co-opta boa parte dos elementos mais avançados da classe obreira, enfangando-os nas lameiras do reformismo, a câmbio dum soldinho, uns favores e umhas falsas promessas de mudança que nunca dam chegado.

Outra missom dos parlamentos é solucionar as diferenças entre as diferentes fações das burguesia dominante, dumha maneira “pacífica e civilizada”, como dim eles.

Tanto os parlamentos centrais (Parlamento dos deputados, senado,etc), como os parlamentos autonómicos ou os concelhos mesmos, formam parte do mesmo aparato do estado espanhol. O carácter territorial dum parlamento nom nos pode confundir sobre o seu carácter de classe.

Os parlamentos som instrumentos para o domínio das diferentes fações da oligarquia espanhola e da burguesia galega. Mas esta função real esconde-se com um refinado teatro para a alienação das grandes massas que formam o povo trabalhador galego. Um teatro no que os atores estão “obrigados” a ter grandes discrepâncias, grandes discussons, diferentes projetos, temas mui importantes que debater. Discussons e debates que nom servem de nada para os nossos interesses (como proletariado galego), nem para os

---

interesses da humanidade. Como vão servir de algo se os próprios parlamentos não são mais que parte do instrumento para otimizar a exploração no capitalismo? Os parlamentos são parte do problema, não da solução.

Os destacamentos comunistas não nos podemos nem planejar em sério a participação hoje nas eleições burguesas quando ainda não resolvemos as grandes problemáticas históricas, tais como uma explicação científica do que foi e por que fracassou a URSS e todo o mundo do “Socialismo Real”, junto com o MCI (Movimento Comunista Internacional) no seu conjunto. Quais foram as decisões que levaram a que as organizações comunistas tiveram uma linha política que não é capaz de levar adiante nenhuma revolução? Como se cria um partido proletário de novo tipo, como nos definimos, como identificamos os nossos inimigos? Quais são as características históricas da sociedade na que vivemos? Assim, por exemplo, na Europa, diferentes organizações comunistas têm participado no circo eleitoral burguês e, sem embargo, não se analisa nem se pensa desde o momento atual o que supunha esta participação em termos de fracasso histórico, aposta reformista e caelestis sem saída. Estes temas não podem ser tomados a ligeira, porque se não respondemos a estas perguntas não poderemos ter uma verdadeira linha política e, ainda menos, encontrar a linha política justa. Por isto temos que realizar um trabalho político interno que é historicamente necessário, para responder a estas perguntas e superar os atrancos que nos impediram avançar. Para podermos analisar a situação concreta e podermos determinar que circunstâncias concretas podem fazer necessário e útil a participação (e que tipo de participação?) na farsa democrática. No geral cremos, como defendeu Lenine, na participação nas instituições burguesas quando:

-ainda há classe operária que deposita a sua fé de cãmbio nesta ferramenta;

-quando existe um partido que unindo o trabalho legal e o

---

clandestino, e fundindo a classe obreira co socialismo científico, esteja deste modo preparado para superar as contradições inevitáveis que este trabalho conleva.

E para acabar, ou ajudar a acabar, com essa fé no sistema que estas certas capas classe obreira ainda podam ter.

Ou seja, só se deve participar nas instituições da burguesia para deslegitimá-las ante o povo trabalhador. A finalidade nunca deverá ser gestionar uns orçamentos ou levar adiante certas políticas “públicas”, por mui progressistas que podam ser a curto prazo.

No concreto, na realidade histórica que nos toca viver ante as eleições a nossa postura como proletariado galego consciente só pode ser de boicote a farsa eleitoral e parlamentar. Nom pode ser de outro modo, já que outra postura seria alimentar falsas expectativas no sistema democrático-burguês, que hoje por hoje de nengumha maneira podem ser cumpridas e, que em última instância, só servem para alienar as grandes massas do povo galego, mantendo as esperanças na reforma do estado capitalista.

Nom pode ser que, quando cada vez mais capas da classe obreira galega e do povo trabalhador vem o circo eleitoral como o que é, umha trampa contra os seus interesses, as organizações que supostamente están na vanguarda acabem por defender o mesmo sistema que dim pretender derrubar. Estas “vanguardas” atendem aos esquemas fracassados do passado e acabam por jogar na prática um papel reacionário. Nom estamos polo parlamentarismo, estamos pola democracia proletária: Isto significa que nom estamos por um estado que administre, estamos por administrar nós mesmas. Nós mesmas decidir e atuar em consequência. Reunir-nos, decidir democraticamente e pôr em prática o decidido. O poder dumha democracia proletária manteria a lei impedindo que se desse umha situação como a do antigo Oeste Americano, nom permitiria os abusos dos poderosos sobre o povo trabalhador. O poder proletário nom teria nengum problema em legislar, executar, julgar, produzir, distribuir

---

qualquer recurso. O poder da democracia proletária nom permitiria a miséria absoluta rodeada da abundância, nem permitiria transmitir o decidido ao poder do estado para que este o ponha em prática, nem tampouco acataria as leis do poder do estado.

A democracia proletária começará a criar-se localmente e irá-se estendendo. E chegará o momento em que este poder local se organizará a nível nacional.

Quando a democracia proletária se organize a nível nacional o seu futuro dependerá da capacidade que tenha de impor a sua lei, a proletária, sobre a lei burguesa, o aparato proletário sobre o aparato burguês. Este novo poder enfrentará-se si ou si ao velho poder do estado burguês e mais tarde ou mais cedo deverá travar-se umha luta aberta a través dumha guerra civil revolucionária.

Ante as próximas eleições estamos polo boicote ao parlamentarismo. polas reformas do estado burguês para que todo siga igual.

Hoje os comunistas nom votamos: organizamos as bases do poder proletário e popular, unica via para derrubar este sistema.

Boicote à farsa parlamentar. Nom participes. Nom votes.  
Organiza-te e luta.

---

## **A fraude da “festa da democracia”**

As passadas eleições autonómicas foram as primeiras nesta grande depressom económica na que vivemos. Com um importante ascenso na luta de classes. Na que umha boa parte do proletariado -politicamente mais adiantado-, deixou de ter fé na reforma das instituições do estado espanhol. Ao mesmo tempo ainda nom existe um movimento social revolucionário que poida fazer movilizaçõs para apoiar umha



---

candidatura proletária, que poda atacar ao estado espanhol desde as suas próprias instituições favorecendo ao proletariado na luta de classes. Nem tampouco existe esse partido comunista de novo tipo que precisamos.

Ante este feito topamos-nos com que organizações supostamente “comunistas” pediam ao proletariado e ao resto do povo trabalhador galego, que lhes vota-sem, ou que vota-sem a AGE, ou ao BNG.

Para poder entender os resultado destas eleçõs temos que começar por por em claro duas cousas: primeira que do censo do 2011 ao 2012 desaparecerom 100.000 pessoas. Isto deve-se a emigraçom. As galegas e galegos voltamos a emigrar massivamente, o que explica estas cem mil pessoas menos; segundo o IGE falsificou as cifras de abstençom descaradamente.

O censo destas eleçõs era em total de 2.696.513. O número de votantes foi 1.467.657 e a abstençom foi de 1.228.856

o 45`58%. A abstençom subiu 35`57 do ano 2009 ao 45`58 deste 2012 O partido mais votado o PP conseguiu 653.934 no ano 1997 (com um censo menor formado por 2.565.131) tinha 832.751 votos, com o que perdeu mais de 178 mil. O PSOE tem 293.672 votos neste 2012, nó ano 2005 tinha 555.603 perdeu 261.932.

O BNG tem 145.389, no ano 1997 tinha 395.435 perdeu mais de 250 mil.

A nova candidatura de AGE conseguiu 200 mil votos. Entre o ano 2009 e o 2012 o PP perdeu um 17`1% dos votos, o PSOE o 44%, o BNG o 46`2%.

O mais curioso é que os votos do PP só representa o 24`25% do censo e, que se sumamos os votos de todos os partidos com representaçom parlamentar, vemos que sobre o censo só representam ao 47`95% do eleitorado.

As conclusõs que podemos sacar som em primeiro lugar que os principais partidos (PP,PSOE,BNG) perderom 690.795

---

votos sobre o seu máximo numhas eleiçõs autonómicas; segundo que a apariçom de AGE só puído resgatar a 200.000, com o que seguem faltando 490.000 votantes que deixaram de ser enganados na farsa parlamentar deste mundo institucional das mentiras burguesas. Um mundo composto polo proletariado mais adiantado politicamente no que ainda nom temos os instrumentos necessários para atuar.

Parece que a grande depressom económicã na que estamos metidos, fixo que cada vez mais pessoas sejam capazes de deixar de ver-se a si mesmos como “cidadãns”, deixem de ver ao estado coma um ente imparcial na luita de classes, deixem de ver os parlamentos (tanto estatal coma autonómico), coma um ente útil para solucinar os problemas sociais. As diversas instiçõs do estado espanhol estam destapadas polos próprios feitos coma o que som: um instrumento de exploraçom.

Umha parte cada vez maior da classe obreira galega, das camponesas e camponeses, entendem que nom teram um futuro melhor, que os seus filhos e filhas nom seram burgueses, nem pequeno-burgueses de sona.

Ao mesmo tempo -dessafortunadamente- na Galiza, ainda nom temos um movimento revolucionário forte, nem um partido comunista que o poda reforçar. Por tanto nom temos os instrumentos necessários para poder utilizar os parlamentos do estado espanhol, coma um meio eficaz para debilitar ao estado utilizando-o para ganhar a essa parte das massas que ainda confiam nas reformas, por nom ter ainda plena consciência de si mesmos na sociedade galega. Ao mesmo tempo que se dava estes fenómenos sociais, na realidade social concreta galega, a CIG coa unanimidade de todas as correntes significativas, desconvoca umha greve geral e inicia a sua própria campanha eleitoral com o lema de, votar ao PP é um suicídio, com o fim de lograr um governo tripartito na Junta.

Assi mesmo neste particular mundo ao robes, assistimos a um espetáculo lamentável, no que uns supostos partidos

---

comunistas chamam ao proletariado, a participar e por as suas esperanças nos amanhos do aparato institucional do estado espanhol. Um autentico cretinismo parlamentar. Hoje em dia, quem pode crer que os problemas da sociedade galega se podem solucionar graças ao governo da Junta, ou ao parlamentinho galego-espanhol?

Todas estas organizaçõs “comunistas” que se deixam levar pola lógica do “sentido comum”, é dizer do “sentido comum” burguês naturalmente, o mais comum dos “sentidos comuns” numha sociedade capitalista coma a galega.

Para entender qual é a realidade social, temos que ir ao concreto, temos que tomar consciência do mundo e de nos mesmos, superando o sentido comum burguês. Superar a falsa consciência das galegas e galegos alienados.

A participaçom de organizaçõs “comunistas” nestas eleiçõs, contribui a estender todos os prejuíços burgueses , aportando-lhe umha maquilhagem “comunista” às ideias e instituiçõs do sistema.

Quando estudamos umha organizaçom política ou um movimento temos que ter sempre presente duas cousas. Por um lado que estas organizaçõs estam compostas por umhas pessoas dumha determinada classe social -esta é a sua composiçom de classe-, esta base social podestar composta por a classe obreira, por um setor desta classe como é a aristocracia obreira, por camponeses, por a pequena-burguesia, etc. Por outro lado está o que lhe da um verdadeiro carácter de classe, que é o seu programa e as decissons práticas que toma. Com este critério resulta que todas as candidaturas presentes nestas eleiçõs som candidaturas reformistas, que em última instância representam o desejo de mudar certos aspetos da organizaçom político-económica do estado espanhol e/ou, da sociedade galega, mas que em última instância optariam por gestionar eficazmente as instituiçõs do estado, mas que nunca, nunca, nunca, poriam em perigo os privilégios das classe dominantes, nunca dessestavilizariam ao estado pondo

---

em perigo os privilégios destas classes exploradoras. Todos os partidos que se apresentaram nas eleições galegas representa os interesses mais conservadores ou mais “progres” de algum setor da burguesia galega e/ou da oligarquia espanhola.

---

## **A situação histórica e o trabalho político na Galiza**

### Introdução

Para nos ser comunista é ter fé na humanidade. Nas nossas capacidades. É ter fé em nos mesmos e nas pessoas que nos rodeiam. É seguir o caminho ancestral por melhorar o mundo. É lutar polos que se sacrificaram por dar-nos um mundo melhor. Porque a homenagem melhor que podemos dar-lhes é realizar a revolução proletária. É construir o povo e o mundo socialista com o que sonharam. É estar coa dignidade humana.

### **1- O movimento**

Na Galiza existe um movimento -o MLNG Movimento de Libertação Nacional Galego- que conta com umha tradição, umha cultura revolucionária, que nom é assimilável polo sistema. Umha cultura fruto da particular história da luta de classes na sociedade galega. Fruto da nossa reivindicação dumha história de luta revolucionária. Isto significa que é um bom campo de cultivo revolucionário. Um campo de cultivo muito melhor que o de qualquer organização sindical, parlamentar, ou partido obreiro do velho tipo. Porque este tipo de estruturas som facilmente assimiláveis polo sistema. No movimento hai sitio para que pessoas com atitudes, nível de compromisso, gostos, conhecimentos e capacidades diferentes, trabalhem dumha maneira útil para o proletariado.

Um dos instrumentos mais úteis para o movimento som os centros sociais independentistas. Estes centros fam um

---

constante trabalho de apoio das presas e presos políticos, por por um exemplo. Nestes centros estão os seus retratos, as suas cartas, etc. Formam uma infraestrutura muito útil. Neles topamos as publicações do movimento. Som locais nos que podemos reunir-nos, fazer ceias, jantares, palestras, assembleias, etc.

Outro elemento necessário para a saúde do movimento é o trabalho anti-repressivo. O trabalho anti-repressivo mantém a tensão sobre a situação das prisioneiras e dos prisioneiros políticos.

Dentro do MLNG -como em todas as disputas políticas- dá-se a luta de duas linhas. Uma luta entre a linha política justa e as desviações desta linha, no tratamento de qualquer tema político concreto.

Dentro do MLNG existem várias correntes políticas. Nos somos a parte da corrente comunista anti-revisionista e estamos organizados como destacamento comunista. Também nos consideramos parte da corrente comunista anti-revisionista mundial.

Neste momento histórico os comunistas e as comunistas galegas somos uma mais no movimento. Em muitos trabalhos é impossível diferenciar-nos das demais. O que nos distingue som duas coisas: 1) que temos uma teoria revolucionária, que nos permite ter consciência do mundo e de nos mesmos e é isto o que nos permite topar a linha política justa em cada momento histórico. 2) que ademais de realizar um trabalho comum coas demais, fazemos um trabalho específico, com prioridades de trabalho concretas, com um carácter teórico, formativo, divulgativo, pedagógico, etc, que é organizado coletivamente pelo destacamento e que tem como objetivo preparar-nos para poder construir um partido proletário de novo tipo.

Na Galiza atual não se dá as condições para passar da resistência espontânea à resistência estratégica da guerra popular. Não existe o partido proletário de novo tipo que fusione vanguarda e massas e que possa criar as bases de

---

apoio desta guerra popular, tampouco existe um movimento revolucionário forte que assuma na sua linha política a construção pelas próprias massas dum contrapoder proletário, com o que poidam trocar as instituições do estado, a moral burguesa e a desorganização popular das sociedades capitalistas, pela organização das pessoas para resolver os seus problemas da única maneira possível, que é a maneira proletária, democrática e cientificamente. Um poder que cria umha lei proletária que por definição nega a lei do estado, o monopólio da violência do estado e a legislação da propriedade regulada polo estado.

Na Galiza igual que no resto dos povos do mundo o proletariado mais consciente tem que organizar-se em destacamentos comunistas anti-revisionista.

Estes destacamentos devem fazer um balance histórico das linhas políticas que levarom a atual situação de derrota da revolução e de todo o MCI (Movimento Comunista Internacional), para poder supera-la.

Na Galiza da-se umha resistência popular espontânea ante as agressions das empresas e do estado. Que um movimento reivindique esta resistência popular e lhe de um discurso é algo muito positivo. Mas isto nom nos deve deixar de ver as limitações desta resistência. A resistência popular espontânea do povo trabalhador galego, nom é a resistência estratégica da guerra popular. Na Galiza de hoje em dia estamos mui longe de poder contar com os instrumentos necessários para a guerra polar. Mas a resistência popular espontânea danos grandes lições das que aprender. Porque só hai umha maneira de aprender, que é mediante a observação, estudo e a experimentação, sobre a realidade social. Trata-se do estudo das experiências históricas concretas na construção dos instrumentos da revolução (teoria-praxe-teoria), das guerras populares que se derom na história, como em: China, Colômbia, Peru, Filipinas, Turquia, Curdistám, Vietname, Índia, O Salvador, etc. Unido a outras experiências a mais pequena escala que se derom na Europa

---

e no mundo árabe.

## **2- Causa Galiza**

Entre as diferentes tendências que formam o MLNG, mais pessoas próximas a este movimento e certas organizações que se chegaram ao movimento formamos CGZ (Causa Galiza). Criou-se como uma coordenadora que era capaz de convocar importantes mobilizações (especialmente no Dia da Pátria).

No 2011 e 2012 criaram-se umas falsas expectativas sobre certos sectores que formavam o BNG, até tal ponto que se esqueceu que CGZ não era mais que um instrumento criado para ser útil ao MLNG.

Nessa época antes e depois de cada reunião, assembleia, grupo de trabalho, etc, quase sempre se falava do que passava no BNG.

No 2012 rompe o BNG, sai Encontro Irmandinho e começa a realizar contactos com

todas as organizações incluída CGZ.

Um sector importante de CGZ aposta por unir-se a Encontro Irmandinho, rompendo com os interesses reais do MLNG, com os desejos maioritários da militância. Nos expressamos por todos os meios ao nosso alcance o total rechaço dessa linha política. Explicamos que tínhamos que reivindicar a nossa história como movimento revolucionário. Também explicamos que a maioria do movimento não estava de acordo com a linha tomada. Não nos fízeram nenhum caso. Ante esta nova situação

abandonamos totalmente CGZ.

Produziu-se a assembleia constituinte de Encontro Irmandinho e CGZ sacou um primeiro comunicado apoiando o chamado Novo Projeto Comum apresentado nesta assembleia e que foi criticado por a maioria do movimento. Mas CGZ seguiu apoiando a Encontro I e o seu Novo Projeto Comum até dois dias antes da assembleia constituinte de Anova, (que é a coalizão criada mediante o Novo Projeto Comum), quando souberam que de 75 postos de direção, davam-lhe 4 abandonaram o Novo Projeto Comum.

Neste contexto chega o Dia da Pátria do 2012 é resultado

---

desta política, desta perda do norte de CGZ, foi (como era de esperar) um absoluto fracasso para a convocatória de manifestação, devido a que só assistiram os membros dumha única corrente política do movimento.

Este fracasso é o resultado da madures do nosso movimento e confirmou todo o que esperávamos e tínhamos expressado. Mas ao mesmo tempo produziu umha desmoralização da militância do movimento da que ainda nom nos recuperamos.

### **3- O MOG (Movimento Obreiro Galego)**

Na atualidade os sindicatos representam no melhor dos casos a parte mais conservadora do movimento obreiro de qualquer povo. Os sindicatos estão dirigidos por umha aristocracia obreira que tem um marcado carácter conservador, reformista, que evita por em perigo ao próprio sistema. Estas tendências sindicalistas transforma-se em certas circunstancias aos sindicatos em instrumentos do próprio regime par evitar a luta de classes.

Nom podemos considerar aos sindicatos galegos atuais como parte do MOG. O MOG nom tem um local social, nem um jornal, nom tem estruturas permanentes. Por isto resulta que só nos conflitos importantes pode ver-se a capacidade organizativa e a combatividade do MOG. Porque o MOG atual esvai-se na “paz social”.

### **4- O trabalho partidário**

Apriorismos que estão na mente da militância e que temos que criticar para poder superar:

1) A teoria revolucionária é algo imprescindível para poder ter umha linha política, mas nom precisa dum trabalho específico, devido a que pode ir-se desenvolvendo dentro do próprio movimento, polo que a criação do partido é só umha questão de vontade dos seus membros.

2) O partido é umha simples soma de qualidades individuais polo que todos e todas estamos listas para a sua criação. O partido nom tem qualidades específicas que nom pode ter a militância individual.



---

3) As grandes massas nom podem -porque nom sabem-organizar-se soas (sem a ajuda das comunistas) para desenvolver as luitas de resistênciã imediata, polos seus direitos e para melhora as suas condiçõs de vida numha sociedade capitalista.

4) As grandes massas estãm listas para somar-se a criaçom do partido, polo que temos como prioridade imediata somalas ao destacamento comunista.

5) As massas somaram-se a uns instrumentos revolucionários criados por nos.

Respostas que temos que dar:

1) Sem teoria revolucionária nom hai movimento revolucionário.

A teoria revolucionária é um elemento imprescindível para ter consciênciã do mundo e poder ter umha linha política justa. A experiênciã històrica da luta de classes do proletariado ensina-nos que no próprio movimento (por mui revolucionário que seja) nom aparece espontaneamente a teoria revolucionária. A teoria revolucionária precisa um estudo um trabalho específico para nascer. Polo tanto qualquer destacamento tem que organizar este trabalho que -nom fai nengem mais- como prioritário. Porque é esta teoria revolucionária o que primeiro distingue a um destacamento comunista anti-revisionista (marxista-leninista consequente).

2) Para o revisionismo nom temos que preparar-nos para criar o partido, porque se da por suposto (como nom), que estãm armados com todas as qualidades individuais e coletivas para formar o partido. Porque o revisionismo vê ao partido -seguindo a lógicã formal- coma a suma de qualidades individuais. O materialismo dialético ensina-nos que “a totalidade é superior a soma das partes” dumha unidade dialética, ou que a unidade dialética -objetivamente existente numha sociedade- tem capacidades específicas, qualitativame

---

superior a soma das partes que a compoem. A dialética materialista descobriu (igual que Napoleom como conta Engels no Anti-Dühring Parte I capítulo XII) e ademais puído explicar porque “dez mamelucos ganham a dez soldados franceses” e, porque “mil soldados franceses ganham a mil mamelucos”. Porque ao trabalhar como parte de umha unidade social objetiva que formando um exército, onde aparecem qualidades que nom som simples somas de capacidades individuais e de vontade, senom que som produto da organizaçom científica da atividade dum grupo de pessoas. Igualmente no partido proletário de novo tipo aparecem novas qualidades mui superiores à suma das forças dumha atividade individual. Polo que o conhecimento tecnológico da correta organizaçom é algo mais complicado, algo que exige estudo, que exige recursos materiais e muito adestramento dos seus membros. Desta maneira o partido tem qualidades que nom tem a militância individual. Ao mesmo tempo da-se por supostos que estamos preparados para formar parte del, sem nengum adestramento, formaçom, aprendizagem, etc, igual que estaremos preparados para explorar o amazonas sem estudo, nem adestramento, simplesmente pola nossa vontade.

O partido de novo tipo é umha máquina revolucionária. Nom é a vontade simplesmente, é construir umha máquina com as melhores peças, combinadas da única maneira adequada, para um fim concreto. Para poder fazer isto é necessário ter a ciência e a tecnologia necessária para por a trabalhar a umhas pessoas e unsrecursos, ao serviço da revoluçom proletária.

No partido igual que numha fábrica hai umha relaçom social objetiva entre umhas pessoas e o meio que as rodeia, seguindo um plam cordinado de divisom do trabalho dumhas pessoas, com uns órgãos de funcionamento interno, uns meios com os que trabalhar,etc. Ê dizer trata-se dumha divisom do trabalho planificada cientificamente.

3) A resistêcia do povo trabalhador sempre é justa. As

---

grandes massas organizam-se -porque sabem e querem- para as suas reivindicações imediatas económicas, políticas, laborais, etc, soas. Não precisam a ajuda das comunistas para poder fazer-lo. Só precisam o trabalho do partido para ter uma teoria revolucionária, criar o movimento revolucionário que marque o ponto e aparte na luta de classe, criar formas do contrapoder proletário, desenvolver a guerra popular e realizar uma revolução proletária.

4) Para o revisionismo as massas, sempre são as amplias e grandes massas, que estão formadas pela obreira e o obreiro meios, pela camponesa e o camponês meios, que entre todas formam o povo trabalhador. Para nós há dois tipos de trabalho, o trabalho interno de: formação, adestramento, etc, da nossa própria militância que forma o destacamento, para organizar o trabalho necessário para desenvolver a linha política justa. Por outro lado todo o trabalho externo que vai dirigido a pessoas que não formam parte do destacamento, este é um trabalho de massas ainda que não esteja dirigido às grandes massas, senão a grupos de pessoas especialmente adiantadas e recetivas. Este é o nosso trabalho prioritário neste momento histórico. Intentamos conscienciar e organizar a umas pessoas que não formam parte do destacamento, com o que estamos fazendo um trabalho de massas. O que estamos fazendo com estas esclarecimentos é dar-lhe um carácter histórico ao conceito de massas. Porque neste momento histórico não temos nem os quadros humanos, nem os meios e conhecimento técnicos para poder chegar às grandes massas.

5) A história demonstra que têm que ser as próprias massas as que criem os instrumentos revolucionários. Que não se somam a nenhum instrumento que não o criaram elas. Que nenhuma organização ao margem das massas pode criar instrumentos revolucionários eficazes. Também nos demonstra que não nasceram ao mesmo tempo na totalidade dum país determinado, senão que sempre surgiram antes em um determinado lugar que em outro (isto foi tratado em

---

profundidade por Ibrahim Kaypakkaya).

Topar a linha política justa em cada momento histórico concreto exige um trabalhado específico. Temos que fazer umha caracterização do momento histórico. Temos que contestar certas perguntas. Quem é o inimigo? Quem somos nos? Em que terreno lutamos? Como entendemos umha greve, ou umhas eleições, como caracterizamos o momento histórico, qual é a estratégia, qual a tática, o estilo de trabalho, as frentes populares, etc, som perguntas as que temos que responder se queremos ter umha linha política. Em duas palavras temos que responder a: Que fazer? Porque isso é umha linha política.

### **5- A tradição contra a consciência**

Para começar o trabalho de organização e de construção do partido, temos que começar pola “cabeça”(segundo a metáfora do Comandante Marcial, que foi o fruto da experiência da guerra popular no Salvador) . É dizer pola teoria revolucionária, que é o que cria a consciência real de nos mesmos e o mundo que nos rodeia. Esta consciência científica é a que cria a linha política (a cabeça) e esta linha cria o aparato organizativo da vanguarda que precisa para existir e transformar o mundo (o tronco), mas esta organização da vanguarda tem que ir acompanhada ao mesmo tempo da criação dos vínculos (as ligações) coas massas (as extremidades). Primeiro construímos a cabeça, depois e ao mesmo tempo o tronco e as extremidades. O partido construe-se coa linha política. É graças a linha política que se cria o partido de novo tipo, com umha divisão social do trabalho, com um método de trabalho coletivo, começando pola cabeça. Depois criamos ao mesmo tempo o tronco e as extremidades. Este é o “segredo” da grande complexidade da construção dum partido proletário de novo tipo. Porque a teoria revolucionária permite ter consciência e esta consciência permite topar a linha política justa.

O revisionismo quer criar o partido mediante a união dos e das “comunistas”, sem umha verdadeira linha política, sem

---

vínculos coas massas, sem nada. Umha vez constituído o partido iram a ganhar-se às massas e substituíram os lugares comuns -criados de mútuo acordo-, por umha teoria revolucionária. Pretendem construir um tronco sem cabeça nem extremidades. Creem que podem solucionar um problema de relações sociais objetivas como é a divisom da sociedade em classes sociais antagónicas mediante métodos subjetivos como é que pessoas se definam como comunistas e tenham a vontade de desejar umha revoluçom.

## **6- A luta contra o revisionismo**

Um dos problemas que temos no MLNG é que nom temos claro o que nos diferencia de MGS, Isca (BNG), ou FPG, Adiante (Anova, coalizom AGE), etc? Pola nossa parte temos assumido que cometemos o erro de deixar que isto sucedera. Temos estudado que cousas figemos mal:

- 1) A ambigüidade no MLNG para sinalar as diferenças entre o nosso movimento e o revisionismo das siglas que acabamos de mencionar.
- 2) As falsas expetativas de alianças com estas forças revisionistas.
- 3) O insuficiente trabalho comunista que fazia que estas siglas se apropriassem da identidade comunista.
- 4) A insuficiente crítica -pola nossa parte- destes grupos revisionistas. Somos culpáveis de nom lhe ter prestado a atençom devida. Em muitas das nossas palestras nom figemos suficiente crítica do revisionismo e do que nos diferencia de el.

Somos culpáveis de nom ter tratado suficientemente a linha que separa a teoria e a praxe revolucionária do revisionismo sindicalista e parlamentarista.

Por muito que o revisionismo utilize a nossa simbologia. Por muito que reproduza retratos de Marx, de Engels, de Lenine, de Staline, de Mao, de Ho Chi Ning, do Che, de Moncho Revoiras, etc, nom muda um milímetro o seu carácter anti-revolucionário.

---

Todas essas siglas de uns supostos comunistas que -à margem do seu discurso confuso- fam todo o possível por manter as instituições que formam o estado. Uns supostos comunistas que participaram no bipartito (Bng-Psoe), ou que nom participaram porque nom os deixaram. Uns supostos comunistas que que figérom umha aposta por formar um tripartito (AGE-BNG PSOE). Que figerom que a CIG realizara umha campanha eleitoral polo tripartito baixo o lema “votar ao PP é um suicídio”. Ainda que depois do fracasso da campanha eleitoral resulte que os fixo radicalizar-se e volver-se “independentistas”. De maneira que todas as independentistas do BNG e Anova, terem que estar contentos do seu fracasso eleitoral e do triunfo do PP. Porque foi este fracasso o que os liberou do que a mentalidade burguesa chama “responsabilidades de governo”, em realidade responsabilidades dos gestores dos interesses da oligarquia espanhola em aliança coa burguesia galega. Foi este fracasso o que possibilitou a sua “radicalizaçom”, o surgimento do seu “independentismo” parlamentar.

## **7- Os últimos acontecimentos na Galiza**

Ante nos topamo-nos coa política do pau e a cenoira. A cenoira do sistema, do revisionismo, do sindicalismo e o parlamentarismo, etc, com uns “companheiros” de viagem interessados em homologar-nos, em assimilar-nos. Frente a isto o pau do estado contra a revoluçom, contra a única alternativa real a este sistema decadente, empregando contra nos as suas leis, os seus juízes, a sua polícia, as suas cadeias, os seus meios de comunicaçom, etc.

Esta é umha prova difícil para organizaçoms que nem tam sequer tenhem umha autêntica linha política, só tenhem lugares comuns.

Muitas pessoas ao “aconselhar-nos” que o que temos que fazer é transformar-nos em organizaçoms homologáveis. Querem que nos dediquemos ao parlamentarismo. Mas nos sabemos que o podrido teatro parlamentar nom pode solucionar nengum dos problemas do povo galego. Sabemos

---

que só hai umha soluçom possível que é a alternativa do proletariado.

tamém nos falam de conseguir “a independência e/ou o socialismo mediante umha negociaçom com o estado”, como afirma o derrotismo reformista.

Sabemos qual é o caminho da humanidade, que o capitalismo coas armas dos seus estados nom nos deixam seguir. O caminho da humanidade tem sitio para um pequeno povo coma o nosso. Tem sitio para que as pessoas que queremos vivam felizes. Tem sitio para nossa língua e todas as costumes ancestrais do povo trabalhador galego. Mas para o que nom tem sitio é para a ideologia reacionária que as classes dominantes (a aristocracia, o clero, a burguesia) meterom, tanto nas costumes, coma na moral, etc, e das que nos temos que livrar.

A pátria socialista galega será a contrivuçom do povo galego a emancipaçom da humanidade. Como galegas e galegos temos umha responsabilidade com toda a humanidade. A nossa luta por existir só tem um sentido porque temos algo único que ofrecer-lhe a o resto da humanidade como proletárias galegas. Só tem sentido a nossa luta entendendo que nom só luitamos polo nosso povo, polo proletariado galego, senom entendendo que temos umha responsabilidade como proletariado galego com todas as nossas irmáns dos povos do mundo. Por isso temos que ser intransigentes no nosso independentismo, porque ainda que nom o vejamos a nossa luta é parte da luta da humanidade e nesta luta só podemos contribuir vestindo a roupa das classes sociais oprimidas ao longo da história. Porque forom estas classes as que nos derom a nossa identidade como proletariado galego.

Quando o mundo seja socialista poderemos dizer que o sacrificio de todas as que nos precederom nom foi para nada. Que o nosso povo tivo umha raçom pola que existir, contribuir a emancipaçom da humanidade da única maneira possível, negando as mentiras da burguesia, afirmando-nos como o que realmente somos (proletariado galego) e, luitando

---

pola alternativa da nossa classe para ter o futuro que precisa a humanidade: o socialismo. O único caminho é a luta pola revolução, pola independência, pola pátria socialista galega. Luitamos por um mundo socialista e depois comunista.

Silfrido N.

---

## **Conceitos básicos par entendermos o comunismo**

### **1) Os povos**

Quando a espécie humana se transformou em sociedade humana e portanto nasceu a humanidade moderna já nascerom os povos. Porque dividir-se em povos é algo exclusivo e consubstancial à humanidade, algo único que nom fam o resto de animais (que saibamos). Porque as formigas, os renos ou os leons nom se dividem em povos.

Nas primeiras sociedades humanas (num comunismo primitivo, sem estado nem classes sociais), surdiu a lei de que, se entravam em conflito, o interesse coletivo estava por riba do interesse individual. As sociedades humanas transformárom tam drasticamente a nossa espécie que nom sabemos com certeza que é “natural” e que é fruto da sociedade na que vivemos.

A sociedade fixo que a vida e a morte das pessoas dependa desta mesma sociedade. Na sociedade dam-se os cuidados médicos, os acidentes (laborais, de trânsito, caseiros, etc), os produtos contaminantes



---

fabricados pela indústria, as guerras, os suicídios, etc.

A natureza “criou” a espécie humana para viver de 30 a 35 anos. A sociedade fixo-nos o que somos como pessoas concretas, como pessoas reais, como pessoas dumha determinada época, dumha determinada sociedade, dumha determinada classe social, dum determinado gênero sexual.

## **2)As classes sociais: umha relação social objetiva**

As três definições mais populares na história. Um dos grandes méritos científicos de Marx é que puxo as bases das verdadeiras ciências sociais -redigidas nas suas 11 teses filosóficas, fruto da crítica ao materialismo anterior-, foi que descobriu que as relações sociais entre as pessoas som “relações sociais objetivas”.

Marx superou o materialismo pre-marxista que via a relação entre pessoas e objetos como umha relação objetiva que se podia registrar, medir, quantificar, dumha maneira objetiva. Marx descobriu que as relações entre as pessoas também podia ser estudada objetivamente e portanto podia ser registada, medida, quantificada, conhecidas as suas leis internas à margem da opinião das próprias pessoas que participavam nessa relação social. Para pôr um exemplo: ainda que um obreiro galego no plano subjetivo, ainda que diga que é “espanhol de classe média”, objetivamente cointinua a ser um obreiro galego.

A ciência podestudar as relações sociais entre as pessoas, como se se estivesse a estudar umha colônia de formigas (entendendo a complexidade da sociedade

---

humana), coa diferença de que as formigas nom tenhem umha explicaçom do seu comportamento, de elas mesmas e do mundo que as rodeia, nom tenhem subjectividade, nom tenhem consciência.

a) Definiçom económicca da classe obreira:

Marx definiu as classes sociais segundo a origem da sua renda. Definindo a umha obreira como “umha pessoa que vive de vender a sua força de trabalho” , sem receber um salário de mais valor que o trabalho socialmente necessário que ela aportou à sociedade (com o seu próprio trabalho.) Porque se recebe mais do que aportou, ainda que tenha um contrato e nom participe da exploraçom direta de operárias -um arquiteto que desenha um estádio-, percebe como salário umha parte da plusvalía -umha parte do trabalho realizado polos obreiros.

b) Definiçom política de classe obreira:

Lenine definiu politicamente à classe obreira, clarificando ao mesmo tempo o caso de certos revolucionários -como el mesmo-, que tendo nascido em outra classe social, tendo passado destudentes a militantes revolucionários na clandestinidade, vivendo dos fundos partidários como revolucionários profissionais, “forman parte do proletariado” pois “objetivamente se situam na luta de classes ao lado do proletariado”. Portanto, nom se trata dumha opiniom política senom da realidade objetiva, da actividade real (tanto teórica preparando um artigo, como prática repartindo um jornal ou preparando o corte de umha rua, etc). É umha actividade objetiva que favorece ao proletariado no seu caminho cara à

---

conquista do poder político e a construção do socialismo.

C) Por último imos falar dumha definição nom científica. De quem se define como obreira, quem se proclama como tal, quem afirma publicamente que é obreira. Mas esta definição contradiz o que aprendemos das relaçons sociais: ainda que se defina como obreira teríamos que comprovar se o seu comportamento real se corresponde com a da classe obreira. Teríamos que comprovar se vende a sua força de trabalho, ou se realiza algum trabalho (prático ou teórico) pondo-se conscientemente do mesmo lado da barricada, favorecendo objetivamente a conquista do poder político polo proletariado.

Ao longo da história a luta entre as classes condicionou o presente e o futuro das sociedades. Associado a umha classe dominante está umha determinada forma de propriedade que lhe garante poder apropriar-se dumha parte da produção social. A burguesía criou as actuais formas de propriedade privada, que só podem existir graças à violência do estado. Independentemente de quem esteja no governo (de direitas ou de esquerdas), o estado seguirá mantendo mediante a violência as relaçons de propriedade dos meios de produção, dos lugares para reunir-se, dos meios de comunicação, etc. Na história a luta de classes debilitou ao estado, desestabilizou-no até o ponto que destruiu os velhos estados e criou novos estados em maos doutras classes sociais. Tamém sucedeu na história que esta luta de classes ainda que nom destruísse o estado si que o debilitou, até o ponto que fai possível que um fa

---

CI) tor externo (como na caída do império romano) puidesse dar- lhe o “tiro de graça” a este estado. Em qualquer caso a luta de classes transformou a todas as sociedades.

### 3) Classe e sexo-género

Umha vez que sabemos que a sociedade é umha relação social objetiva, temos a base do método que nos permite ver ao nosso redor e entender que a nossa existência depende da classe social a que pertencemos e o sexo-género ao que pertencemos (mulheres ou homens). Estas divisões nom som algo natural, som o fruto da história acumulada ao longo da história.

A continuação imos a tratar a origem da divisão social de classe e de género. O primeiro que temos que aclarar é que na nossa sociedade a contradição entre homens e mulheres, ou entre progenitores e filhos nom é umha contradição antagónica. Isto significa que para que um ganhe nom tem que perder algo o outro. É dizer que o bem-estar dos progenitores ou dos homens nom depende da miséria dos seus filhos nem do género feminino. Na sociedade nom se aliam os homens ou os progenitores para criar mecanismos com os que empobrecer às suas filhas ou as suas companheiras. Isto nom significa que numha família concreta estas divisões sociais -esta contradição entre homens e mulheres ou filhas e progenitores-, nom se poidam volver antagónicas. Todas as contradições nom antagónicas entre géneros e entre gerações mantemem viva a sociedade, fã que se acumulem experiências, conhecimentos, provocando mudanças no funcionamento social ao

---

longo dos anos, de maneira que com o passo dos anos iam transformando toda a sociedade, criando um progresso tecnológico, económico, pre-científico, científico, artístico, que conleva ao fim um progresso social. Este progresso aumentou o tempo que as pessoas desta comunidade podiam dedicar à arte (música popular, pintura, escultura, a dança, a “literatura oral”, contos, mitologia). As pessoas tinham mais tempo para contar experiências de caça, lendas, contar como tratar as enfermidades, fabricar armas, etc.

A origem da contradição de género:

Os géneros apareceram mediante a divisão social do trabalho por sexos, o que beneficiava a toda a comunidade no seu conjunto.

As primeiras sociedades humanas estavam formadas por grupos nómadas (caçadores -recoletores) com uma esperança de vida de 30-35 anos. Nestas sociedades as mulheres tinham o seu primeiro filho com 15-16 anos, ainda que muitas destas crianças não chegavam a cumprir os dois anos. Para a sobrevivência da sua comunidade era fundamental que as pessoas criassem os seus filhos até a idade fértil (15-16 anos), antes de morrerem. Estas comunidades tinham que aproveitar as capacidades produtivas de todos os seus membros (incluindo as crianças). Nestas condições apareceram as primeiras divisões do trabalho (por idades entre adultos e crianças e géneros entre homens e mulheres). A razão última destas divisões sociais do trabalho era a sobrevivência de toda a comunidade -o bem comum-.

---

Nestas sociedades as crianças de 0 a 2 anos necessitavam atenção constante. Umhas crianças que só podiam ser alimentadas com leite materno (sem que contassem com nengum substituto). Nestas circunstâncias estar prenhada ou ter que transportar para dar de mamar a umha criança dificultava percorrer grandes distâncias, dificultava o sigilo e a concentração que exigia a caça de grandes animais. Ademais umha vez caçados era necessário transportá-los até o povoado, cousa que exigia um grande esforço.

A origem da divisom social em classes:

Nas primeiras sociedades humanas (de nómadas caçadores-recoletores), nom existiam classes sociais. Isto nom exclui que em ocasioms fizesem prisioneiros de outras comunidades, que eram escravizados num primeiro momento. Tras um certo periodo de tempo estes prisioneiros eram integrados na comunidade como um mais, expulsados, ou em algum caso eram matados. Mas nom formavam umha classe social. O desenvolvimento da agricultura e da gandeiria fixo possível a acumulação dum excedente que possibilitou que umhas pessoas quedasem “liberadas” de realizar um trabalho físico produtivo. Dedicando-se ao trabalho intelectual, ao trabalho físico nom produtivo (administrativo, militar), ao a combinação dos dous-como umha intérprete musical-, etc. Num determinado momento da história umhas pessoas foram liberadas do trabalho produtivo e adicárom-se a escravizar a prisioneiros de guerra, formárom um corpo armado que mantinha a estes escravos desarmados. Desta maneira a escravização

---

transformou-se em algo tam habitual que até os autóctones podiam ser escravizados. As filhas e filhos destes escravos tamém eram escravizados, quedando os escravistas com parte do fruto do trabalho produzido por estes. Nascendo assi o primeiro tipo de sociedade dividida em classes: a sociedade escravista. Nesta sociedade nasce o monopólio da violência: o estado. Assi passamos da sociedade do comunismo primitivo ao escravismo, do escravismo ao feudalismo e do feudalismo ao capitalismo.

#### **4) As classes som o único sujeito histórico**

Marx descobriu que as classes sociais som o único sujeito histórico numha sociedade dividida em classes sociais. Isto significa que todas as ideias e práticas políticas tenhem um carácter de classe. É algo que incluso está por riba da origem da pessoa que defende ou realiza umha prática política concreta. Tamém significa que a luta entre as classes sociais é o mecanismo que transforma radicalmente o mundo ao longo da história.

#### **5) A consciência e a falsa consciência**

Em medicina estar consciente é ser consciente dum mesmo e do mundo que nos rodeia. Socialmente a consciência tamém é ser consciente de nós mesmos e do mundo que nos rodeia. Portanto, nom tem demasiado sentido falar de “consciência nacional”, nem “consciência de classe”, nem “consciência feminista”, nem “consciência ecologista”, etc. O que si pode suceder em medicina é que depois dum acidente -por exemplo- umha pessoa estando consciente, nom veja bem umha cor, ou nom oia bem, etc. Tanto a nível médico coma social umha pessoa

---

estando consciente pode ter a sua consciência alterada.

Portanto existe umha só consciência, mas umha pessoa pode ter um determinado nível de consciência, ou pode ter alterada a perceçom dum determinado fenómeno que o rodeia.

A consciência é algo subjectivo, mas é umha subjectividade objetiva, umha subjectividade científica.

## **6) O carácter de classe dumha organizaçom**

O carácter de classe dumha organizaçom está marcado polo seu programa político e a sua prática política, nom pola sua composiçom social (pola classe que forma a sua militância). Umha organizaçom fascista pode estar formada por obreiros. Porque se umha organizaçom tem um programa reformista, se a sua prática política é participar para melhorar qualquer aparato das instituições do estado espanhol (estatal, autonómicos, concelhos, etc), por muito que estas organizaçoms acumulem simbologia revolucionária nom muda que o seu carácter de classe seja burguês.

No seu programa, na sua prática social, detrás da sua estética e a sua suposta crítica social, nom existe nada que ponha em perigo os privilégios da burguesía. Uns privilégios que só podem existir graças ao aparelho do estado, com os seus corpos armados (policias, juizes, exército, etc). Se o povo trabalhador substituísse estes policias e juizes polo armamento do povo, se substituísse estes policias polas nossas próprias forças armadas estaríamos a



---

assegurar a nossa solidariedade, mas não estaríamos a assegurar a segurança dos bancos nem dos patrões. Porque as nossas juízas fariam justiça proletária, não justiça burguesa.

---

*ateneuproletario.wordpress.com*

ateneuproletariogalego@gmail.com  
ateneuproletariogalego@yahoo.com

---

---

---

---

**LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !**

**Ateneu Proletário Galego** 

*Nº3 Conceitos básicos para entendermos o comunismo*

**LIBERDADE PRESOS INDEPENDENTISTAS !**

---